

O MUNDO E O MUNDO DAS PALAVRAS: ANÁLISE SOCIOLÓGICA DO CONTO “FAMIGERADO”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

THE WORLD AND THE WORLD OF WORDS: A SOCIOLOGICAL ANALYSIS OF THE TALE TITLED "FAMIGERADO" BY JOÃO GUIMARÃES ROSA

Regilane Barbosa Maceno

Minicurrículo

Mestra em Letras, Professora da Secretaria Municipal de Educação de Codó-MA, Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro-NEPA da Universidade Estadual do Piauí. Endereço: Rua Boa Esperança, nº 28; bairro São José- Codó/MA.
E-mail: regilane.maceno@hotmail.com

RESUMO

Este artigo é uma análise do conto *Famigerado* a partir da Teoria Sociológica. Nele, faz-se um estudo de sua forma e conteúdo a fim de identificar os fatores sociais que concorrem para a tessitura do conto, bem como outros aspectos em destaque que fazem de *Famigerado* uma arte universal e segregadora, por apresentar uma linguagem *sui generis*.

Palavras-chaves: Literatura. Sociedade. Conto famigerado.

ABSTRACT

This article is an analysis of the tale titled *Famigerado* from Sociological Theory. It is constituted by a study about the tale's form and content in order to identify the social factors that contribute to the tale's constitution, as well as other aspects pointed out that make *Famigerado* a universal and segregating art by presenting a *sui generis* language.

Keywords: Literature. Society. *Famigerado* story.

1 INTRODUÇÃO

Em crítica literária, vários são as teorias utilizadas para analisar uma obra literária: Estruturalismo, Formalismo Russo, New Criticism, Teoria Sociológica, Teoria Feminista, Estética da Recepção e a Crítica Textual.

Neste artigo, tomaremos como referência a Teoria Sociológica, atendo-nos, principalmente aos pressupostos teóricos formulados por Antonio Cândido, especialmente através do livro *Literatura e Sociedade* para a análise do conto *Famigerado*, do livro “*Primeiras Estórias*”, de autoria de João Guimarães Rosa.

Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica./
Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 4, n. 2, p.151-163, jul./dez. 2016.

Para Antonio Cândido (2000), há uma relação de troca de influência entre obra e sociedade, sendo possível perceber se um autor, ao conceber seu trabalho, registrou algum aspecto social na tessitura da obra. Se sim, cabe ao crítico identificar qual e apontar a importância desse fato para o estudo da obra. A relação entre literatura e sociedade é explicada por Samuel (2001, p.22)

[...] como parte da sociedade, a literatura está imanente à realidade (está nela). Mas como ficção, como imaginação, ela transpõe essa imanência, criando outra realidade possível para opor à realidade concreta. Essa oposição é uma negação da realidade, para opor ao que existe como nova realidade possível. A literatura como ficção é quase autônoma da realidade. Ela denuncia a realidade de fora (através de forma, tanto quanto através do conteúdo, pois é forma que expressa o conteúdo). A literatura “desrealiza” a realidade, para quebrar o monopólio da realidade em definir e questionar o que é real [...]

Cândido (2000) alerta para não se confundir análise sociológica com identificação dos aspectos superficiais de determinado grupo e época: vestuários, festas, modas, usos. Assim, objetivamos neste artigo verificar se na forma do conto em análise há correlação com os fatores sociais predominantes na época de sua produção. Em caso positivo, qual importância deste fator para a compreensão do texto. Se negativo, a que outros aspectos presentes no conto o crítico pode recorrer para realizar sua análise? Ainda segundo Cândido, uma falha recorrente na crítica sociológica é ater em demasia aos aspectos sociais, ignorando os elementos estéticos, psicológicos e linguísticos, também importante para entendimento do texto.

Neste trabalho, estudaremos não somente os aspectos sociais presentes no conto, mas consideraremos também outros aspectos, principalmente o linguístico, base para a análise do conto *Famigerado*.

2 ASPECTOS SOCIAIS

O conto em análise traz poucos personagens: o personagem-narrador, o jagunço Damásio e as três “testemunhas” são os únicos que atuam. Fora estes, há a referência ao padre e a “um moço do governo”. Este último, embora ausente na

trama central, é muito importante porque chamou o valentão Damásio de famigerado, ato que desencadeou a ira deste, ante a possibilidade desta palavra ser uma ofensa. Para dirimir a dúvida, Damásio anda quase 40 km para consultar o médico a respeito do significado da palavra.

O conto possui várias dicotomias: a que opõe Damásio aos três homens obrigados a servir de testemunhas e a que opõe Damásio e o médico, sendo esta a mais importante para se entender os fatores sociais relacionados à feitura do conto.

O livro *Primeiras estórias* foi lançado em 1962. Neste período, o Brasil era uma nação dividida entre o campo, onde morava a maioria da população, e a cidade, marcada pelo progresso da industrialização, do desenvolvimento da indústria automobilística, da construção de Brasília. Evidente que na população rural grassava o analfabetismo, praga que sempre marcou o brasileiro.

Na cidade havia analfabeto, mas em menor escala. E, sem dúvida que na cidade moravam os médicos, os engenheiros, os advogados, etc. Portanto, podemos dividir o cenário da época entre Brasil escolarizado e Brasil não-escolarizado.

Nesse Brasil não-escolarizado, o poder institucionalizado fazia-se ausente, campeando o poder de grupos isolados, sendo o jagunço, o valentão, um símbolo deste poder paralelo. E, neste meio não havia o chamado “processo por infâmia, calúnia e difamação”. Na lógica do jagunço, ofensas pessoais eram resolvidas com a morte.

Esta estrutura da sociedade é transposta para a estrutura do conto, em que o médico, detentor do saber, vai contracenar com o jagunço Damásio Siqueira. Podemos visualizar esta relação através do seguinte Quadro a seguir:

Centro urbano.	Sertão, zona rural.
População escolarizada, progresso.	População não-escolarizada, atraso.
Personagem - narrador (médico).	Damásio Siqueira (jagunço).
Existência de uma elite que usava a norma padrão.	Uso quase exclusivo da variedade não padrão da língua.

Aspecto interessante do conto, é que o autor deixa por conta do leitor deduzir que o personagem-narrador é um médico: *“Perguntei: respondeu-me que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta”* (ROSA, 2001, p. 57). Já em relação a Damásio, o autor não deixou dúvida quanto às suas características:

[...] Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até a escama do bufe. [...] Sei desse tipo de valentão que nada alardeia, sem farroma. Mas, avessado, estranhão, perverso, brusco, podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és (ROSA, 2001, p. 57).

Este jagunço, brabo sertanejo, valente, astuto na arte da guerra, ao saber que andavam atribuindo-lhe o epíteto famigerado, viaja seis léguas para saber o significado do adjetivo. Ele sequer sabe pronunciar o vocábulo, como se percebe pela transcrição do trecho: *“ – Vosmecê agora me faça a boa obra de me ensinar o que é mesmo que é: fasmigerado... faz-me-geraldo... falmisgerado... famílias-geraldo?”* (ROSA, 2001, p. 59).

A constatação de que no sertão do Brasil habita um povo não-escolarizado é perceptível não apenas na figura de Damásio, mas principalmente na informação de que na região, com exceção do padre, ninguém possuía dicionário, nem conhecimento necessário para esclarecer o caso, como vemos no trecho *“- Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem têm o legítimo – o livro que aprende as palavras ... É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias [...]”* (ROSA, 2001, p. 59).

O irônico é que jagunço não quis consultar o padre sobre o significado de famigerado, por temer que fosse engabelado por ele. Terminou sendo enganado pelo médico que, temendo uma atitude violenta de Damásio, astutamente, depois de pensar e protelar mostrou-lhe apenas a acepção original da palavra: inóxio, célere, notável.

Neste ponto, a ficção retrata um aspecto da sociedade e o torna elemento interno: a existência de duas variantes da língua (a padrão e a não-padrão) que exclui os não-escolarizados, praticantes da modalidade não-padrão. Dizer ao jagunço que famigerado significava inóxio, célere, notório, notável, corresponde a

falar em outra língua. Tanto o é que o jagunço pediu que traduzisse: “- *Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de dia-de-semana?*” (ROSA, 2001, p. 60).

O pobre, praticante desta linguagem de “dia-de-semana”, é excluído porque não tem acesso ao que é veiculado em norma padrão. As leis, as normatizações, o conhecimento científico e o discurso dos componentes do governo são feitos na modalidade culta da língua. E, esta, código social utilizado na comunicação, passa a funcionar como um instrumento de exclusão social e de disseminação de preconceito contra os falantes de variedade não-padrão.

Além de mostrar que o não-escolarizado não consegue entender o discurso padrão, o conto evidencia também sua dificuldade de expressar seu pensamento, atuando de forma limitada no processo de comunicação e participação. É o que se depreende desta passagem: “*Disse de não, conquanto os costumes. Conserva-se de chapéu. Via-se que passara a descansar na sela – decerto relaxava o corpo para dar-se mais à ingente tarefa de pensar*” (ROSA, 2001, p. 57).

Na página 59, ao utilizar o verbo redigir, o autor mostra que para Damásio, articular um discurso era algo difícil, comparável à escrita elaborada, mais exigente, que requer maior domínio do uso do idioma. Em seguida, o narrador mostra que o jagunço não conseguia expor seu pensamento de forma coerente, por não se prender ao assunto, nem discorrer de forma sequencial. É o que se percebe pela leitura do trecho: “[...] *Redigiu seu monologar. O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São Ao, travando assuntos, insequentes, como dificuldade*” (ROSA, 2001, p. 59).

A existência de duas modalidades da língua, com a norma padrão sendo inacessível à maioria, torna-se mais nociva porque a palavra é um instrumento de poder, vez que através dela o cidadão acessa o conhecimento mais elaborado e exerce o poder do convencimento, da persuasão, de participação. Neste ponto, chegamos ao tema central do conto: o poder da palavra. Usando de forma racional a palavra, o médico consegue guiar as ações de Damásio. E de sujeito “*com cara de nenhum amigo,*” passa a “*sorriu-se, outro*” ou mais à frente “[...] *mas sorriu, apagara-se a inquietação*. Essa transformação ocorreu porque o *médico* assegurou que a

palavra não expressava ofensa: “o que eu queria uma hora desta era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse”.

Não se pode dizer que haja uma inverdade do personagem-narrador. Essa é a acepção primeira da palavra. Em artigo intitulado *A etimologia, um estudo que encanta*, Miguel Barbosa de Rosário pesquisou vários dicionários para investigar o tratamento dado à palavra famigerado:

Examinei o verbete em cinco dicionários e eis aqui o resultado:
Dicionário da Língua Portuguesa, do Moraes, Ed. 1813, famigerado, adj. Afamado, famoso;
Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete, Ed. Delta S/A, 1958: célebre, famoso, afamado;
Novo Dicionário de Língua Portuguesa, o Aurélio, Ed. Nova Fronteira, 1989: adj. Que tem fama; muito notável; célebre, famoso; 2. Pop. Faminto, esfomeado.
Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, SP, Cia. Melhoramento, 1998, Michaelis: que tem fama; célebre, notável (mais usado no sentido pejorativo)
Dicionário Houais da língua Portuguesa, Ed. Objetivo, 2001: 1. Que tem muita fama; célebre, notável. 2. Pej. Tristemente afamado (f. assaltante).

Silva (2004) afirma: “*famigerado é o que tem boa ou má fama, mas que em português é mais utilizado em sentido pejorativo*”. O texto deixa patente que à época da publicação do conto já havia as duas acepções. Não fosse assim, qual o motivo do susto?

“*E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga invencionice de atribuí-me a **palavra de ofensa** àquele homem*” (ROSA, 2001, p. 59) (grifo nosso).

O personagem narrador sabia do uso pejorativo da palavra, mas ateu-se ao sentido original, por conveniência. Usou o poder do conhecimento e da palavra para evitar possível ação violenta de Damásio.

O poder da palavra nas relações humanas é mostrado desde o início do conto. “Um moço do governo” usa a palavra ‘famigerado’ para caracterizar Damásio, e isso o leva à busca de seu significado. Se ofensivo, não hesitaria em matar. Ele não estava para brincadeiras, como atesta o texto: “*saíra e viera aquele homem,*

para morrer em guerra. Saudou-se seco, curto, pesadamente [...]” (ROSA, 2001, p. 56).

Tanto a palavra é elemento de poder que Damásio não quis tirar sua dúvida com o padre por imaginar que este iria persuadi-lo a não tomar atitudes violentas, amenizando uma possível ofensa dita pelo moço do governo.

A ausência total do poder advinda do uso da palavra é simbolizada pelos três homens obrigados a servir de testemunhas. Os *“tristes três”*, como diz o personagem- narrador, permaneceram *“intugidos até então, mumumudos”* (ROSA, 2001, p. 60).

É o próprio Damásio quem retrata a condição de inferioridade dos três homens, meras peças do cenário, completando mudos: *“- Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo pra testemunho”* (ROSA, 2001, p. 60).

O mesmo Damásio resume o tema do conto, mostrando a importância do conhecimento para o homem e para a sociedade: *“[...] – Não há como as grandezas machas duma pessoa instruída. [...]”* (ROSA, 2001, p. 61).

3 UM CONTO COM FUNÇÃO TOTAL

A teoria sociológica entende a obra literária como produto de uma sociedade, influenciando-a e sendo influenciada por ela. Neste sentido, a obra pode ter função ideológica, social e total. Sobre esta última, assim escreveu Cândido (2000, p. 53):

A função total [...] exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, [...]
[...] a grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa intemporal idade, universalidade, e estas dependem, por sua vez, da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar. [...] Daí o encanto e a emoção que as lendas e canções primitivas despertam em nós, mesmo precariamente traduzidas e arrancadas do contexto.

No conto em análise, há predominância da função total, vez que fica claro, pela leitura do conto, que não há intenção de propagar uma ideologia nem registrar

um aspecto de interesse de um grupo em particular. Ao contrário, “*Famigerado*” apresenta facetas do ser humano que por serem humanas e trabalhadas de forma articuladas, serão captadas por qualquer pessoa, independente de tempo ou lugar.

As indicações de espaço são feitas no conto de forma sutil. Não há preocupação de dizer ao leitor se o caso ocorreu nesta ou naquela unidade da federação. Podemos perceber isso nos trechos:

“[...] eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranquilo”;
(ROSA, 2001, p. 56).

“[...] sua voz se espaçava, querendo-se calma; a fala de gente de mais longe, talvez são - franciscano” (ROSA, 2001, p. 57).

“- saiba vosmecê que, na Serra, por ultimamente, se compareceu um moço do governo, rapaz meio entredoso...”
(ROSA, 2001, p. 58).

“- Saiba vosmecê que saí ind’hoje da Serra, que vim, sem parar, essas léguas...” (ROSA, 2001, p. 56).

O que se tem, então? A constatação de que o enredo do conto ocorre na casa do narrador. Esta está localizada em um arraial. Este dita seis léguas do local de morada de Damásio, segundo ele chamado Serra.

O narrador-personagem afirma que o jagunço apresenta “a fala de gente mais de longe”, com essa informação, conclui-se que o espaço ficcional corresponde a um espaço da região do Rio São Francisco.

Quanto ao tempo, não há uma datação de quando os fatos aconteceram, o leitor pode apenas inferir tratar-se de meados do século XX, ancorando-se na teoria de que a obra reflete a sociedade na qual está inserida.

No início do conto, fica-se sabendo que o evento foi “*de incerta feita*”. Aqui, incerta tanto pode indicar a imprecisão da datação do ocorrido, como apontar o caráter inesperado dos acontecimentos. Certo é que a inexistência de marcador temporal, associada ao registro magistral dos aspectos do ser humano, a maldade, o medo, a esperteza, a ignorância, tornam *Famigerado* atemporal e universal. O autor consegue metamorfosear o regional em universal.

Para mostrar o universal do regional, vários são os recursos estéticos que o autor lança mão, tanto no plano polifônico como sintático. Destacamos:

a) uso de figuras sonoras e de sentido:

1) “os outros, tristes três, mal me havia olhado”, em que se percebe a Aliteração das consoantes **t** e **m**, bem como o deslocamento do numeral três, ao mesmo tempo em que há a supressão do verbo está.

2) “Com um pingo no i, ele me dissolvia”- a bela metáfora em que o autor associa a rapidez em se colocar um pingo em um i com a velocidade com que o jagunço poderia matá-lo com um balaço.

3) “[...] pequeno, mas duro, grossudo, todo em tronco de árvore” – metáfora em que o autor associa o corpo de Damásio ao tronco de árvore. A partir desta bela imagem, conclui-se que a personagem era baixa, grossa e forte.

4) “Este aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo”. Nesta frase, há Aliteração da consoante **n** e vocalização **a**.

5) “[...] Assim, porém, banda de fora, sem a - graça de hóspede nem surdez de parede, tinha para um se inquietar”. Aqui, há elipse do verbo permanecer (em linguagem comum teríamos: Assim, porém, permanecendo do lado de fora). Ocorre também uma prosopopéia, vez que a surdez é característica essencialmente de seres animados e não das paredes (ser inanimado).

b) Elaboração da linguagem, marcada basicamente por dois aspectos: alto grau de afastamento do falar comum e riqueza de pensamento como é possível observar:

1) “[...] Dava para se sentir o peso da de fogo, no cinturão, que usava baixo, para ela estar-se já ao nível justo, ademão, tanto que ele persistia de braço direito pendido, pronto meneável. [...]”. Esta imagem, construída magistralmente, é só para dizer que o jagunço tinha a arma ao alcance, no ponto de usar se assim fosse necessário.

2) “[...] Sua máxima violência podia ser para cada momento” Eis uma frase que mostra a riqueza na elaboração dos enunciados, produzindo excelentes sentenças em que se “estuda” a essência do homem. Os trechos mostram que Damásio poderia agir de forma extremamente violenta nas situações mais corriqueira. A violência está no âmago do jagunço, podendo se manifestar a

qualquer momento, inclusive ao saber o verdadeiro significado da antonomásia de que fora chamado.

4 UMA OBRA DE SEGREGAÇÃO

Cândido (2000) afirma que do ponto de vista sociológico, a arte pode ser de agregação – quando se mantém fiel ao sistema simbólico vigente e aos recursos expressivos – e de segregação. Está, “[...] Se preocupa em renovar o sistema simbólico, criar novos recursos expressivos e para isto, dirige-se a um número, ao menos inicialmente, reduzido de receptores, que se destacam na sociedade”.

O conto *Famigerado*, ainda que apresente um enredo muito comum, não é uma arte de agregação, por isso, qualquer leitor verá no enredo um aspecto normal dos contos, fotografia de um fato. Talvez o veja inclusive, como algo humorístico, concordando com a “tese para o alto rir” do personagem-narrador. No entanto, a linguagem do conto o faz figurar no grupo da arte de segregação. O autor usa uma série de recursos expressivos que afastam-segregam –muito leitores. Os principais são: neologismo, inversão sintática, arcaísmo, metonímia, metáforas.

Tomando como guia o *Léxico de Guimarães Rosa* (2001), analisaremos as palavras utilizadas no conto de forma especial ou que constituam um neologismo, conforme a ordem em que aparecem no texto.

1 – Equiparado – neologismo ambíguo, como atesta Martins (2001). Composto de EQUI (cavalo) + PARADO, a palavra tanto pode significar “parado sobre o cavalo” como “equiparado e parado”.

2 – Ingente – significado ‘grande’, ‘notável’ (sentido figurado). Para Martins (2001), há no emprego desta palavra uma ironia, posto que o autor usa um termo culto para caracterizar uma situação na qual Damásio tem dificuldade de pensar.

3 – farrusca – fisionomia sombria. Palavra formada a partir de enfarruscado, ‘carrancudo’, ‘amuado’.

4 – Celha – sobancelha. Quando o personagem-narrador diz que “Damásio carregara a celha” equivale a: fechar a cara, aproximando as sobancelhas.

5 – Ínvios – em sentido denotativo, significa ‘sem caminho’, ‘intransponível’. Ao aplicar o termo a olhos, o autor criou uma metáfora para expressar a ideia de que Damásio apresentava ‘olhos duros’, ‘impenetráveis’.

6– Antenasal – formado por ANTE ‘diante de’, ‘em frente’ + NASAL relativo ao nariz, significando, portanto, à frente do nariz. O autor pode ter formado a palavra a partir da frase feita “a um palmo do nariz”.

7 – Cabismeditado – junção de CABISBAIXO + MEDITADO: ‘que medita de cabeça baixa’.

8 – Insequentes – neologismo formado pela junção do prefixo IN (não) + SEQUENCIA: ‘sem sequencia’, incoerente. Processo semelhante ao que ocorre em INCONSEQUENTE.

9 – Famanasse – granjear fama de valentão, valente.

10 – Transiu-se-me – expressão formada a partir do verbo TRANSIR (passar através de, ficar imóvel de medo). A presença do SE, a nosso ver, funcionando como partícula apassivadora, reforça a ideia de que o medo atuou sobre a personagem, tomou todo seu corpo, deixando-a imóvel.

11 – Indúcias – tréguas, armistícios.

12 – Intugidos – neologismo formado de IN (não, sem) + TURGIR (falar baixo, murmurar). Indica que as personagens sequer murmuravam.

13 – Murmumudos – absolutamente calados. Triplicação da sílaba inicial da palavra medo, para criar um neologismo que reforça o sentido de **intugidos**. Com este processo, Guimarães Rosa produz uma espécie de superlativação da palavra mudo.

14 – Verivérbio – O termo exato, o sentido preciso da palavra.

15 – Desafogaréu – neologismo formado pela junção de DESAFOGO + FOGAREU: ‘grande desafogo’.

As palavras acima dão mostra da linguagem Roseana. Linguagem trabalhada de forma ímpar, com destaque para neologismos e o uso de palavras já conhecidas em situações novas (caso de indúcias, de aplicação no campo jurídico). Além disso, usa arcaísmo (como vosmecê, perguntar) e inverte os termos sintáticos, como se

observa em *Fie-se, porém, quem, em tais tréguas de pantera?* Que em ordem direta ficaria: **Quem se fiaria em tais tréguas de pantera?**

Decerto o autor sabia que esta particularidade de sua obra produzia a necessidade de um leitor mais preparado, que compreendesse os neologismos a partir do contexto. É inegável que ele foi bem sucedido, dada abrangência que sua produção alcançou.

Ao criar neologismos, muitas vezes a partir de amalgamas de outras palavras, ao utilizar termos arcaicos, ao inverter a sintaxe, Guimarães Rosa usa de forma magistral o poder das palavras de encantar. Este encantamento é obtido não só pelas emoções advindas do “universo ficcional”, mas também pelo valor estético produzido pela combinação de palavras deixando vir à baila seu significado e sua história.

Para a consecução da relação autor-leitor, os valores sociais exercem grande influência, como atesta Cândido (2001, p. 40-41)

Se nos voltarmos agora para o comportamento artístico dos públicos, veremos uma terceira influência social, o dos valores, que se manifestam sob várias designações-gostos, moda, voga- e sempre exprimem as expectativas sociais, que tendem a cristalizar rotinas. A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea da nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões. [...] poucos dentre nós seriam capazes de manifestar um juízo livre de injunções diretas do meio em que vive.

Ainda que sua obra seja de segregação, Guimarães Rosa conseguiu grande público leitor, transpondo a perigosa barreira que a sociedade impõe ao novato, graças ao seu estilo que é atraente porque é ímpar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da teoria sociológica na análise do conto *Famigerado* permitiu fazer um cotejamento entre sua estrutura e a estrutura social, buscando identificar pontos de contatos entre elas. O estudo mostrou que o conto foi escrito de forma tal que permitiu, através do universo da ficção, retratar a sociedade brasileira da

metade do século XX. Esta sociedade mostrava-se dividida, com uma minoria tendo acesso à escola e, por conseguinte, ao poder advindo do uso da língua em variante padrão. A grande maioria da população, sobretudo, a da zona rural, por não possuir instrução, vivia em uma sociedade na qual imperava o poder das armas e a ignorância.

Além de observar a influência da sociedade na tessitura do conto, foi possível perceber que *Famigerado* é uma obra de função total, por expressar aspectos que transcendem o local e o imediato, podendo ser lido e valorizado enquanto arte em qualquer tempo, em qualquer parte da Terra. É também uma obra de segregação, por romper com o sistema simbólico. Essa ruptura ocorre no campo da linguagem, marcada por neologismos, inversão sintática e elipses que restringem seu público leitor. Mas, os mesmos aspectos linguísticos que tornam *Famigerado* uma arte de segregação tornam-na rica, posto que, seu autor consegue manejar a palavra de forma tal que resulta em uma prosa marcada por elementos poéticos, rica em seus aspectos fônicos e semânticos.

Universal e atemporal, retratando de forma humorística o quanto o uso das palavras influencia as relações humanas, marcado por uma linguagem elaborada e especial, *Famigerado* é como ouro: difícil, mas valioso.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. Ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

MARTINS, Nilce Sant'Ana. **O léxico de Guimarães Rosa**. 2. ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 15. ed. Rio de Janeiro, nova Fronteira, 2001.

ROSÁRIO, Miguel Barbosa de. **A etimologia, um estudo que encanta**. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br>. >. Acesso em: 29 mar. 2014.

SAMUEL, Roger (Org). **Manual de teoria literária**. 14. ed. Petrópolis, Vozes, 2001.

SILVA, Dionísio. **De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa**. 14 ed. rev.e amp. São Paulo: A Girafa Editora, 2004. (Coleção o Mundo são as Palavras.)